

A CONCEPÇÃO DE ESTADO INTEGRAL EM MIGUEL REALE: UMA TRADUÇÃO DO FASCISMO ITALIANO PARA AS TERRAS BRASILEIRAS

Palavras-Chave: teoria do Estado; integralismo; fascismo.

Autores:

Heloisa Mota Cardoso [IFCH/UNICAMP]

Prof. Dr. André Kaysel Velasco e Cruz (orientador) [IFCH/UNICAMP]

INTRODUÇÃO:

A Ação Integralista Brasileira foi um dos principais movimentos de massa da primeira metade do século XX, de caráter conservador e autoritário, tinha como influência política os movimentos de extrema direita europeus, com foco para o Fascismo, Nazismo e Salazarismo. Entre suas personalidades mais importantes era encontrado o jovem Miguel Reale, recém formado no curso de direito da Universidade de São Paulo, que tinha destaque na construção ideológica da organização e dedicou seu período de atuação na AIB a discutir conceitos políticos fundamentais para o Integralismo e a direita mundial tais como corporativismo, Estado e totalitarismo.

A partir do trabalho desenvolvido na década de 1930, a pesquisa teve como objetivo analisar a construção do conceito de Estado Integral para Miguel Reale, chefe do Departamento Nacional de Doutrina Integralista, como uma tradução, no sentido gramsciano, do Fascismo italiano para o Brasil. Para alcançar o objetivo, a pesquisa teve como base textos publicados no período de maior produção do autor, de 1935 a 1938, e de teóricos do fascismo, com destaque para as figuras de Benito Mussolini, Alfredo Rocco e Giovanni Gentile.

O projeto foi elaborado como uma forma de compreender as aproximações entre o fascismo e o integralismo, a partir da centralidade do Estado corporativo e as divergências encontradas nos escritos políticos, geradas a partir da diferença do protagonismo político exercido pelos dois grupos em seus países na década de 1930, também como seu papel no mundo, tratando-se de um país europeu com destaque nos rumos políticos do século XX e um país periférico de capital dependente.

Os textos de Miguel Reale fazem menções diretas ao governo de Mussolini e a teoria fascista, com destaque para o texto “Nós e os fascistas da Europa” (1936), em que o autor elogia o governo fascista italiano, colocando-o como uma organização ideológica de caráter universal e a doutrina do século XX, ainda reitera o perfil de influência das experiências de extrema direita em outros países, a Alemanha, Portugal e a Itália, como um guia para o desenvolvimento do integralismo no Brasil. É a partir de escritos desse período que o trabalho toma forma e propõe-se a analisar as influências diretas e indiretas nos discursos e escritos políticos de Reale na concepção da doutrina integralista e do Estado Integral.

METODOLOGIA:

A partir do objetivo da pesquisa, a metodologia aplicada foi a de análise documental, com a intenção de eliminar, de certa forma, influências externas de julgamento das teorias de vista moral (Cellard, 2012). O projeto direcionou-se às concepções de Estado, corporativismo, liberdade e democracia apresentadas pelos líderes fascistas e pelos líderes integralistas, com destaque para Reale, entre as décadas de 1920 e 1930.

Como base para o trabalho, foram usados os textos de Miguel Reale publicados nos livros “Obras Políticas (1ª fase -1931/1937)” Tomo II e III da Editora da Universidade de Brasília, publicado em 1983, assim como também os escritos: “A doutrina do Sigma” de Plínio Salgado e “O que o integralista deve saber” de Gustavo Barroso. Na linha fascista os nomes de destaque voltam-se para Giovanni Gentile, ministro da educação entre 1922 a 1925, Alfredo Rocco, ministro da justiça entre 1925 a 1932 e o próprio Mussolini, com escritos que datam da década de 1920 até 1934.

A escolha dos autores italianos reflete-se na importância política que exerciam nos rumos do partido fascista e na política institucional do país, assim como na menção direta dessas personalidades em textos de Reale, que exaltava a figura do Duce e tinha admiração por Rocco. Para compreensão do conceito e método de pesquisa de análise documental foi utilizado o texto “A análise documental” de André Cellard, e os verbetes “Tradução” e “Tradutibilidade” de Derek Boothman, contidos no livro “Dicionário Gramsciano”.

Os conceitos de tradução e tradutibilidade de Gramsci foram empregados para poder observar a adesão e alteração em pontos significativos do fascismo italiano para o Brasil, a partir das diferenças culturais e das características estruturais dos dois países, que viviam momentos políticos divergentes, marcados pela falta de representação institucional da AIB enquanto o Fascismo detinha o poder na Itália, e também pela construção da nação, uma marcada pela unificação tardia e a outra pelo colonialismo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Os textos selecionados exploram os conceitos basilares da ideologia fascista e exemplificam que o Integralismo compartilhava e tentou adaptar os ideais fascistas à realidade brasileira. Em seus escritos, Reale descreve tanto o regime fascista quanto Mussolini com bastante admiração, além de compreender o Estado Fascista como uma tendência *natural* do Estado Moderno e um direcionador do caminho a ser adotado no país. Entretanto, expunha que existiam rupturas, como a organização federativa da Nação, a forma de representação política dos grupos técnicos, a integração dos grupos profissionais no Estado e o apelo à espiritualidade na doutrina da AIB, que apesar de também existir no fascismo, principalmente na figura de Gentile, possuía maior força e destaque para os integralistas.

O corporativismo constitui um dos pontos centrais para ambas as ideologias. Reale defende que no plano corporativista há a verdadeira ordenação da sociedade, a partir das coisas já existentes, como grupos e profissões no corpo social. Em seu texto “Nós e os fascistas da Europa” (1936) ele aponta que a revolução política do século XX será consagrada a partir do corporativismo e que é este o final da ordem política mundial. O autor dedicou uma quantidade expressiva de textos para tratar sobre o tema e a criação de um Estado corporativista.

Em consonância, Mussolini menciona as corporações como ferramentas sob a proteção do Estado, que realizam a disciplina integral das forças de produção com foco na riqueza, força política e bem estar do povo da Itália (1933). Além disso, ele impunha condições necessárias para que esse modelo de governo fosse exportado para outros países, para tal, três etapas essenciais: um partido único, um Estado totalitário e um período de altíssima tensão ideal, apesar dele não explicar de maneira clara o que seria essa última característica.

A partir do exemplo italiano das corporações que Reale passa a construir o ideário do Estado Integral, colocado por ele como um estágio superior do Estado fascista. É na ideação de uma organização política única, grupos de corporações diversas que controlam todas as profissões e um Estado nacional pautado no cristianismo que se encontram alguns dos pilares para o modelo de Estado integralista.

Um outro pilar de identificação com os camisas verde encontrava-se na construção do homem ideal, possível apenas dentro da ideologia da AIB. Para o autor, as outras ideologias e doutrinas falharam ao enxergar o homem a partir de apenas uma lente, reduzido a um elemento, como exemplo, ele menciona que o socialismo seria a redução do homem ao econômico e o liberalismo do homem a política, não entendendo o homem em sua integridade e, portanto, não satisfazem ao espírito de organicidade dos povos atuais (Reale, 1937).

É com essa noção de integridade do ser humano, que os integralistas desejam moldar o novo indivíduo a partir dos ideais do sigma e só o corporativismo, valorizando a família, os sindicatos e o município, seria capaz de suprir. Para ele, o homem tem três necessidades essenciais, sendo elas as necessidades materiais, as necessidades intelectuais e as necessidades espirituais, valores esses colocados como imprescindíveis para a criação do homem nos valores do sigma. É, inclusive, utilizando esta tríplice de necessidades dos indivíduos que o autor critica o Estado moderno, ao afirmar que esse não é capaz de suprir essas demandas e se comporta não como um verdadeiro Estado, mas como fragmento ou amostra de Estado (Reale, 1936).

A defesa da espiritualidade é um dos pontos-chaves para a compreensão do integralismo e para a tentativa de construção de diferenciação entre o esse e o fascismo. Para o integralismo, o que define o ser humano e a sociedade é fundamentalmente psicológico e espiritual. Os problemas sociais, políticos e econômicos são problemas espirituais (Gentile, 1929) e a burguesia não se classifica como um grupo político e econômico, mas como estado de espírito e qualquer indivíduo pode se identificar como burguês (Barroso, 1935).

Diferentemente de seus colegas Plínio Salgado e Gustavo Barroso, Reale aceitava o conceito de luta de classes e culpava o liberalismo pela sua existência, pois, de acordo com o pensador, teria limitado demasiadamente os poderes do Estado em benefício de poucas pessoas (Reale, 1936). Essa linha de pensamento vai de encontro com a mencionada pelos dois outros líderes, que defendiam a luta de classes como mera questão psíquica. Em contrapartida Reale, apesar de também se encontrar na visão idealista, tentava abrir espaço para discussão com pensadores de outros campos políticos, como Kant, Kelsen, Rousseau e Marx, enquanto Salgado e Barroso se voltavam para discussões com questões internas, vide os manifestos publicados por Plínio, seus livros românticos da década de 1920 e 1940 e manuais sobre como deveria ser o integralista e o que ele deveria saber.

Um dos pontos essenciais de diferenciação do fascismo e integralismo não se encontra no campo das ideias, apesar de valorizado por ambos, mas sim no campo material histórico. A existência da dependência nacional frente a outros países é um ponto-chave para entender como a apropriação dos discursos fascistas europeus foi feita, pois em contrapartida às defesas de Mussolini de “proletarização” da Itália e de um passado glorioso, os camisas verdes não poderiam adotar tal discurso, o país desde a independência seguia dependente de nações mais ricas, com destaque para Inglaterra e Estados Unidos, e a tentativa de menção ao passado era caracterizada pela visão romântica do século XX aos povos indígenas e a miscigenação, além da visão deturpada de uma possibilidade de acumulação de capital dentro do país, sem entender o papel do Brasil na economia capitalista global.

Reale, ao definir o Estado Integral se baseia nos exemplos dos governos consolidados da época, elogia Hitler, Mussolini e Salazar, e reitera o pensamento de que a autoridade estatal deve ser um dos pilares para o reordenamento de um país e o verdadeiro desenvolvimento econômico do Brasil. como um modelo de organização política baseado na organização das corporações nacionais, que representam a integralidade dos valores espirituais da nação, assim como afirma a necessidade da proibição de partidos políticos, pois defende dele que deturpam e enganam o cidadão (Reale, 1935), e conceitua que os sindicatos e as corporações aliados a família e ao município são as bases da vida do homem (Reale, 1937).

CONCLUSÕES:

Diante dos fatos, pode-se inferir que apesar de diferenças históricas na construção do movimento integralista, assim como na maior importância espiritual e religiosa que o movimento adotava, o conceito de Estado Integral para Miguel Reale teve fortes influências do pensamento fascista, com destaque para a concepção de corporativismo adotado pelo governo italiano e de expressões idealistas e totalitárias de Estado. Apesar de ter atividade em um período menor que 10 anos, Reale conquistou seu espaço na doutrina dos camisas verdes e deu corpo ao que seria um Estado corporativista brasileiro. A defesa da organização de todas as áreas políticas e sociais no Estado, assim como a defesa da permanência da propriedade privada ainda são traços encontrados na extrema direita e nos grupos neo integralistas, que ainda se sustentam nos escritos da década de 1930 para construir seu grupo ideológico.

BIBLIOGRAFIA

BARROSO, Gustavo. *O que o integralista deve saber*. Civilização Brasileira, 1935.

GENTILE, Giovanni. *Origini e dottrina del fascismo*. Istituto nazionale fascista di cultura, 1934.

LIGUORI, Guido. *Dicionário gramsciano (1926-1937)*. Boitempo Editorial, 2017.

MUSSOLINI, Benito. *El estado corporativo*. USI, 1936.

REALE, Miguel. *Obras Políticas (1º Fase - 1932-1937)*. Brasília: Editora UnB, 1983. t. 2.

REALE, Miguel. *Obras Políticas (1º Fase - 1932-1937)*. Brasília: Editora UnB, 1983. t. 3.

SALGADO, Plínio. *A doutrina do sigma*. Schmidt, 1937.

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto; CURUPIRA, A. *Ideologia. Análise do Discurso Integralista*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1979.